

MONSTROS E MONSTRENGOS: das expedições européias à contemporaneidade

Cassius Andre Prietto Souza¹

RESUMO

Os seres monstruosos e grotescos sempre estiveram inseridos no imaginário universal, as mitologias e os relatos foram responsáveis pela ampliação desse imenso acervo. Desde a Idade Média tornou-se comum a catalogação dessas criaturas em livros manuscritos, fartamente ilustrados – os Bestiários. Esses livros eram humorísticos e alegóricos, reuniam criaturas fantasiosas oriundas da mitologia pagã e cristã, animais exóticos, e ainda, seres humanos que apresentavam deformações. Colaboravam para o enriquecimento e/ou modificação dos modelos, as curiosidades e as anotações vindas das terras e continentes distantes, trazidas pelas expedições. Pretende-se construir uma linha de tempo, situando a origem de algumas criaturas que marcam sua presença na arte e na literatura, reavivando o imaginário atual. A pesquisa é de cunho bibliográfico e documental, tomando como referência obras de: Umberto Eco, Afonso d'Escagnolle-Taunay, Ieda Tucherman, Mário Corso entre outros.

Palavras-chave: Monstros, história e imaginários.

O MONSTRUOSO NO MUNDO ANTIGO E MEDIEVAL

O imaginário dos seres monstruosos nos dias atuais parece estar mais vivo do que nunca seja por meio do universo de filmes do cinema ou dos jogos de games. Mas antes mesmo do surgimento do cinema esses mitos tiveram sua origem no berço do mundo antigo na Grécia (BULFINCH, 1998). O início dos relatos situa o Monte Olimpo como a morada dos deuses: Zeus, Poseidon e Hades (os três filhos de Cronos) comandavam o mundo, Zeus era quem governava a vida terrena, Poseidon os mares e águas e Hades o mundo dos mortos. Para um melhor equilíbrio desses mundos existiam os Titãs, monstros irracionais que precisavam ser controlados pelos deuses. Um destes exemplos era o monstro gigantesco do mar chamado de Krakem, essa criatura destruída tudo e a todos, somente Poseidon conseguia controlá-lo.

O mundo de Hades compreende os lugares obscuros, as profundezas subterrâneas habitado por almas desencarnadas e diversos tipos de seres terríveis. As narrativas identificam vários heróis que percorreram esses lugares assombrados, podemos citar Ulisses, Enéas e Perseu entre os que se aventuraram a cruzar a fronteira entre os mundos dos vivos e dos mortos.

¹ Mestrando em Artes Visuais/ Centro de Artes – UFPEL. cassius_andre@ hotmail.com



Figura 1: *Quimera*. Séc. V a.C. **Fonte:** ECO, 2007, p.40.

Umberto Eco (2007) descreve que nas poesias de Homero são narradas as histórias trágicas entre Deuses e seres humanos. Na *Ilíada* e *Odisséia* surgem aparições de monstros e estranhos seres místicos que cruzam o caminho do aventureiro como as Sereias, Ciclope e a Quimera (Fig.1), essa é uma criatura estranha, desconunal, uma mistura de vários animais. Outra criatura são as Harpias, seres que foram encontradas pelos Argonautas na ilha Harpias. Estes seres são enviados para punir o rei Trácio, roubando-lhe a comida, durante as suas refeições. Essas estranhas criaturas são aves de rapina aladas, mas com o rosto e corpo feminino.

A Medusa (Fig.2) é outra dessas criaturas terríveis, consta que é uma das três irmãs Górgonas, seus cabelos de cobra são uma maldição dos Deuses, ela tem o poder de transformar os homens em pedra. Dentre os seres assustadores e enigmáticos aparece a Esfinge que originalmente foi imaginada pelos egípcios, mas também surge nos contos gregos, esse ser é uma espécie de demônio com o corpo de leão e cabeça humana. O Minotauro é originário da mitologia grega, muito presente no imaginário ocidental por conta das inúmeras representações, a criatura apresenta o corpo de homem e a cabeça de touro, esse ser era filho do rei Minos de Creta, que mandou fazer um labirinto para prendê-lo e oferecia humanos em sacrifício para serem devorados pela criatura, coube ao herói Teseu libertar a bela Ariadne e o reino dessa monstruosidade.



Figura 2: *A cabeça da Medusa*. P. P. Rubens, 1618. **Fonte:** ECO, 2007, p.24.

Com o avanço das civilizações, se dão as hibridizações e mudanças nas narrativas, com apropriações e reformulações de Deuses, Monstros, Heróis, Semi-Deuses. Culturas politeístas vão dando lugar a uma cultura monoteísta, por conta da disseminação do cristianismo, principalmente no ocidente. O período Medieval se caracteriza pelas representações e narrativas centradas na Bíblia, vale ressaltar que essas histórias também são plenas de criaturas terríveis que continuam assombrando o imaginário de uns e outros. Uma linha de estudiosos considera que as criaturas diabólicas das narrativas bíblicas são referenciadas na tradição pagã, como Carlos Roberto F. Nogueira (2000) que relaciona o personagem Baco (um sátiro reconhecido como Deus da festividade, dos bacanais e da bebida) com o Diabo (anjo caído que governa o Inferno), a semelhança na aparência grotesca, metade homem metade bode, não é mera coincidência.

O cristianismo instaura uma guerra entre o Bem e o Mal, argumento profícuo para o surgimento de novas narrativas, colocando em pauta personagens heróicos, mártires, santos, anjos, arcanjos, serafins, demônios, íncubos, súcubos, almas penadas, enfim, um universo rico que vem inspirando a produção artística e cultural. Em nossa linha de tempo, buscamos a obra de Dante Alighieri, para situar as representações do monstruoso nas narrativas bíblicas medievais, com destaque para a figura do Diabo e do Inferno.

O Diabo começa a ter um nome, assim como um reino, através do novo testamento, quando somos apresentados a – Satã – um dos mais inquietos anjos, que deseja ter o poder e se igualar a Deus. Essa pretensão foi a causa de sua queda e expulsão do céu, o anjo perdeu seu belo rosto e as asas angelicais, se tornando um monstro com chifres, rabo e asas de morcego. A criatura domina o Inferno, enviando seus discípulos, que integram uma Legião, para disseminar o mal entre os homens. Uma curiosidade diz respeito a origem de Satã como um príncipe oriental que morre por traição, o nome Satã tem o significado oposto de escuridão, no oriente a palavra significa luz, tal qual Lúcifer, que em hebraico significa espírito de luz, outras vertentes apontam que esse ser se rebela contra Deus, por não querer servir a humanidade, que considera inferior. O estudioso Luther Link (1998) resalta que a aparência do Diabo varia bastante, assumindo a forma de uma cobra no jardim do Éden, um dragão enfrentado pelo arcanjo Miguel, uma aparição para tentar Cristo no deserto, e inclusive pode assumir a forma feminina. As inúmeras traduções, interpretações e representações do Diabo dão origem a uma criatura multifacetada, atribuída de diferentes designações e poderes.

Santo Agostinho (354 D.C) foi pioneiro ao organizar uma hierarquia para o mundo místico cristão, tanto para o reino do mal povoado pelo Diabo e sua horda de demônios, como para o reino de Deus com arcanjos, anjos e os santos, estabelecendo uma ordem divina para o Bem, relacionado com Beleza e Verdade, e o Mal com Monstruosidade e Falsidade.

Coube a Dante Alighieri a construção poética em torno do tema, a *Divina Comédia* (século XII) apresenta a jornada do próprio Dante e de seu mestre Virgílio, aos confins do mundo espiritual, passando pelo Inferno (Fig.3) e as demais instâncias até o Paraíso. Em sua descrição, o Inferno é um lugar frio com vários círculos, um para cada pecado; o Purgatório é apresentado como uma ilha onde ficam as almas que estão a espera de sua entrada para o céu, por fim Dante chega ao Paraíso, morada de Deus e dos anjos, onde reencontra sua amada Beatriz.

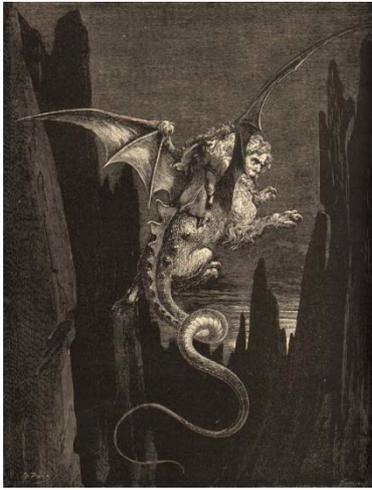


Figura 3: *Gerião* (Inferno) por Gustave Doré, 1861.
Fonte: ECO, 2007, p.86

Na narrativa comparecem diferentes seres monstruosos e diabólicos que cruzam o caminho dos dois personagens, vale ressaltar que essas criaturas são nitidamente referenciadas nos seres mitológicos de Homero, como por exemplo: Cerberus, o cão de duas cabeças que tem como função guardar a entrada do inferno e o barqueiro Caronte que leva os mortos para o reino do inferno. Por sua vez, a obra de Dante é fonte de inspiração para produções artísticas em diferentes linguagens e suportes, com destaque para Gustave Doré, William Blake, Heinrich Füssili e Francisco Goya.

MONSTROS E MONSTRENGOS DAS EXPEDIÇÕES EUROPEIAS

Durante o período Medieval tornou-se comum a catalogação de monstros, sob a forma de bestiários, livros manuscritos que continham desde seres fantásticos e imaginários até animais exóticos, oriundos das terras distantes, como Ásia e África, territórios explorados pelos navegadores. Umberto Eco (2007) destaca o espanto dos exploradores diante de animais diferentes como elefantes, hipopótamos e girafas. A xilogravura do rinoceronte produzida por Dürer (Fig. 4), a partir de descrições e um esboço, exemplifica o fantástico que esses animais representavam, e continuavam representando, mesmo nos anos posteriores.



Figura 5: *Rinoceronte de Dürer, 1515.* **Fonte:** BERGER,1998, p.81.

Além dos relatos, falsos documentos instigavam a imaginação, como a Carta de Preste João, o lendário rei cristão do Oriente. Na carta, ele descreve as maravilhas de sua terra: fértil e rica em ouro, com pessoas belas e virtuosas; entre os monstros, assinala a quimera, o cíclope e a fênix. Para o explorador Marco Polo, Preste João era o rei dos turcos da Mongólia, citado no seu “Livro das Maravilhas”, exemplo pioneiro de literatura de viagens, intercalando realidade e fantasia. Aliás, os próprios desbravadores

inspiravam histórias em função de suas aventuras. Os feitos de Alexandre O Grande comparecem no livro “O Romance de Alexandre”, escrito em latim, que apresenta o conquistador macedônico, como herói que enfrentou monstros e homens selvagens nas terras distantes. Para o povo europeu as terras irlandesas eram povoadas de monstros de várias tipologias. Descritos como surgindo de redemoinhos do mar, em formas colossais, apresentando um espetáculo de puro horror aos olhos dos marinheiros. O “livro de Kells” (Fig.5) traz ilustrações, principalmente junto às letras capitulares, decoradas com esses seres maravilhosos, estilizados e fartamente coloridos: desde animais conhecidos, seres siameses e criaturas imaginárias que se dobram sobre si mesmas, como se fossem de elástico, os livros dão a ver uma espécie de ornamentação do monstruoso.

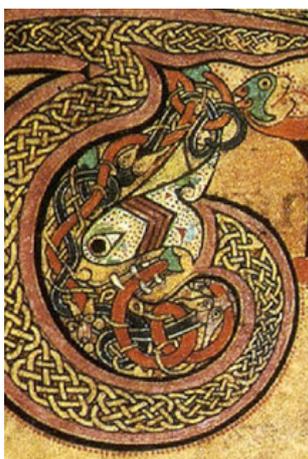


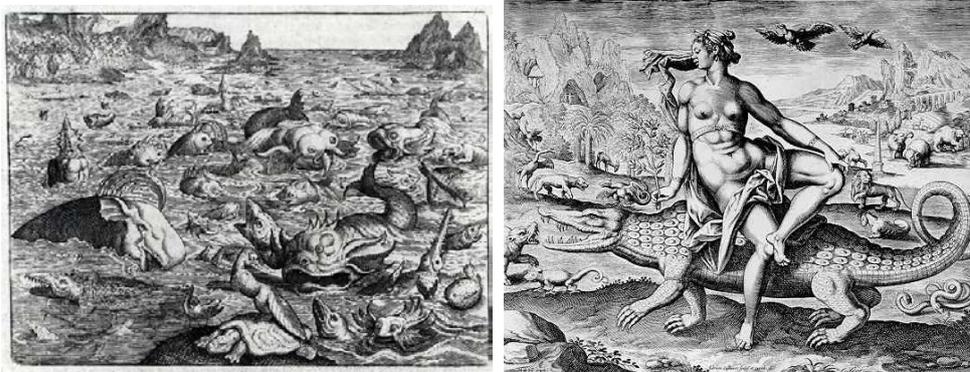
Figura 5: Livro de Kells, Séc. VIII. Fonte: ECO, 2007, p.112

As imagens literárias e artísticas estavam inseridas em uma linha de pensamento que debatia os monstros e as criaturas, não como mitos, mas como seres de fato. Gonçalves Junior (2008) relata que os marinheiros e viajantes descreviam estes seres que atacavam seus navios em narrativas dominadas pelo medo e pelo terror. Os monstros compreendem uma lista enorme que contém desde as serpentes marinhas, Sereias, lulas gigantes, o Leviatã, o Monstro do lago Ness, entre outros seres selvagens. Durante os séculos XV, XVI e XVIII proliferaram as narrativas em torno desses seres fantásticos. No “Livro do Tesouro” (1263) Brunetto Latini descreve uma criatura chamada de “*Manticora*” que vivia na Índia, um tipo híbrido que apresenta feições humanas, pele vermelha, olhos amarelos, corpo de leão e cauda de escorpião. Era extremamente rápido e comia carne humana. Em 1598 foi lançado o “Livro do Peixe” de Konrad Von Gessner repleto de descrições de seres marítimos e localizações de onde foram vistos, o estudioso naturalista cumpre o papel de desmistificar boa parte das narrativas. Nesse sentido, a investigação criteriosa dos cientistas que acompanhavam as expedições será crucial para a derrubada das lendas e o avanço do conhecimento a cerca da fauna mundial, habitat, relações e demais característica dos animais. Contudo, esse é um processo lento, vale registrar que naquela época era comum a produção de imagens a partir das descrições de terceiros, o que causava um distanciamento da realidade.

Também o exotismo da América, recém descoberta, vai encantar muito dos expedicionários. O professor e pesquisador Afonso d’Escragnolle Taunay (1998), bisneto do pintor Nicolas-Antoine Taunay, empreendeu uma ampla pesquisa, coletando os escritos em torno das crendices a respeito da fauna nativa. “Zoologia fantástica do Brasil” reúne alguns dos relatos e deslumbramentos como o do jesuíta Flecknoe, que ao chegar de navio em 1648, viu os marujos pescarem peixes assustadores (Fig.6), com o ventre branco e axadrezado; e, ainda, a “*pigrita*” uma criatura estranha que se move

lentamente e que tem a pele cheia de escamas como o rinoceronte e flexível como uma serpente: “o próprio demônio não seria tão feio”. Era o bicho preguiça.

Outro tratado de conhecimento “Noticias curiosas e necessárias das coisas do Brasil” de Simões de Vasconcelos, de 1599, traz referências a monstros humanos da floresta amazônica, o autor descreve tribos indígenas que habitavam a selva (Fig.7), que aos olhos dos conquistadores pareciam monstruosos, com seus cocares, pinturas corporais, com seus adereços e enfeites que provocam perfurações e demais deformações.



Figuras 6 e 7: Monstros do Brasil, por Marten de Vos, 1532. **Fonte:** TAUNAY,1998, p.116.

O biógrafo Anchieta relatou sobre um tipo estranho de gente que nasce de cascas e tem os pés invertidos, são os “*matuyus*” descritos também por Santo Agostinho e Aulo Gênio. Seres gigantes também eram vistos na Amazônia, com dezesseis palmos, com adornos de ouro nos lábios e orelhas que tinham o nome de “*Coruqueans*”. Francisco Coreal escreve em sua enciclopédia de 1889, “*La Grande encyclopedie*”, sobre os estranhos animais, como o Javali, animal que segundo o autor vivia magro e espumava estranhamente, feio e disforme com um buraco nas costas, local por onde ele respirava, parecido com os porcos marinhos. Os relatos citam o “*Jacará*” um enorme lagarto, que era doméstico, com o qual os meninos brasileiros brincavam; “os gigantes e ameaçadores morcegos” das florestas e campos e o “*Hay*”, um animal assustador, do tamanho de um cão, com cara simiesca e enormes mamas, tinha cauda e unhas longas.

Algumas pinturas portuguesas do período do descobrimento, de autores desconhecidos, representavam os índios brasileiros parecidos com os demônios das gravuras da Divina Comédia. Criaturas híbridas de homens e animais, as figuras parecem hermafroditas, e estão atormentando os homens, uma espécie de monstros (demônios da terra) com cocar na cabeça, tanga de pena e transmitem medo aos recém chegados. As imagens demonstram o temor e a condenação aos costumes e trajes (ou ausência de vestimentas), referindo-se aos índios como selvagens que praticavam o pecado, uma vez que a nudez é símbolo de luxúria para a ética cristã.

MONSTROS E LENDAS NA CONTEMPORANEIDADE

No universo da literatura podemos encontrar ampla gama de seres monstruosos como “*O corcunda de Notre Dame*” de Victor Hugo (1831), “*Frankenstein*” de Mary Shelley (1816) e “*Drácula*” de Bram Stoker (1897). Essas obras e tantas outras sejam literárias, visuais, cênicas ou musicais demonstram que o interesse pelo tema permanece cativando o público de todas as idades. Atualmente, há um incremento nas “produções monstruosas” voltados ao universo infanto-juvenil: animações, histórias em quadrinhos, videogames e brinquedos. Os monstros do século XXI parecem assustar menos,

apresentam características complexas, com resquícios de humanidade, excesso de cor, configurações exóticas, humor, qualidades e defeitos que ultrapassam a antiga fronteira, que os alinhava com a maldade (Fig. 8).



Figura 8: E.T., 1982. **Fonte:** ECO, 2007, p. 425

Nos vários contos populares, o monstro nunca tem uma origem própria, interessa ao folclore o comportamento e sua moralidade. Mário Corso (2002) demonstra que o mito resiste a tudo, em seu inventário os personagens são uma mistura da cultura européia, com a indígena, produzindo uma miscigenação de personagens fascinantes, que povoaram a mente de nossos antepassados e contribuíram para o surgimento da cultura nacional. Estes seres fazem parte da história do Brasil dentre os personagens monstruosos aparecem: Mapiguari, Curupira, Cuca, Mula-sem-cabeça e o Boto, procedentes dos contos orais e populares sobre as matas e campos. Jorge Luis Borges e Monteiro Lobato são importantes autores que resgatam estes seres fantásticos do imaginário sul-americano para a literatura de ficção, compartilham uma linha conceitual que compreende o valor do mito para o conhecimento, exercitando memórias e inteligência, os mitos são geradores de sentidos, instauram dúvidas e respostas acerca do passado, presente e futuro.

Os monstros e suas míticas também progridem e se transmutam, alguns ressurgem nas cidades, reconstruídos sob a forma das chamadas lendas urbanas. As mais populares são as dos bairros como o caso do homem do saco, ou da Cigana que pega crianças. Existem ainda os mitos das comunidades, como por exemplo, os taxistas e a sua dama de vermelho ou dama de branco. Algumas lendas podem ultrapassar o limite territorial, como o boato do chupa-cabra, que teve sua origem na Venezuela, atravessou o Brasil, passou pela América Central e chegou até o México.

O monstro acompanha a evolução da humanidade, desde seu início, a rica mitologia primitiva foi responsável pela consagração das criaturas no imaginário de diferentes culturas. O avanço científico também é responsável pelo surgimento de lendas em torno de seres ainda desconhecidos, conforme relatos das expedições a terras distantes, ou ainda, mais recentemente, na produção de monstruosidades oriundas de experiências laboratoriais, construções de autômatos, seres mutantes, cibernéticos e demais esquisitices.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. São Paulo: Editora 34, 1998.

BERGER, John. **Dürer**. Colônia: Taschen, 1998.

CORSO, Mário. **Monstruário**: Inventário de entidades de imaginário e de mitos brasileiros. 2ª ed. Porto Alegre: Tomo Ed. 2004.

ECO, Umberto. **Historia da Beleza**. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2004.

_____, **História da Feiúra**. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2007.

JUNIOR, Gonçalo. **Enciclopédia dos Monstros**. São Paulo: Ediouro Publicações, 2008.

LINK, Luther. **Diabo: A máscara sem rosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. São Paulo: EDUSC, 2000.

SODRE, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império Do Grotesco**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2002.

TAUNAY, Afonso. **Zoologia fantástica do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1998.

WARNER, Marina. **Da Fera à Loira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.